1
Personagens

> Para evitar esculacho, criei a Barra do Catimbó, onde passei a fazer acontecer todos os salseiros. E aos poucos, me apaixonei pela Barra do Catimbó. Fui criando personagens que, de início, eram baseados nos tipos que conheci na minha cidade querida, mas que, aos poucos foram crescendo, ganhando características próprias e, acreditem ou não, se formavam quase sozinhos, indiferentes à minha influência.
>
> Plínio Marcos

A etimologia do termo personagem aponta para uma sucessão de significações no transcorrer dos séculos. Tradicionalmente, o personagem é uma pessoa fictícia posta em ação em uma obra dramática. Uma das definições mais antigas diz que é uma imagem ou estátua que representa uma pessoa. Um personagem é aquele que figura em uma obra narrativa, aquele representado em uma peça de teatro, encarnado por um ator. É uma representação de uma pessoa real ou imaginária.

O personagem é ainda uma pessoa notável, objeto de atenção em decorrência de uma ação que merece destaque. O personagem é aquele definido por seu papel social, por seu comportamento. Nesse caso, o personagem é um papel que se representa na vida.

Na peça de Luigi Pirandello, *Seis personagens à procura de um autor*, de 1921, o ensaio de um grupo de teatro é interrompido por seis personagens – uma família – que foram recusados por seu criador. Os personagens estão à procura de um autor que possa encenar seus dramas, mas não permitem ser representados pelos atores da companhia, pois explicam que não haveria melhor interpretação de seus papéis do que à realizada por eles mesmos. Os personagens afirmam sua independência, podendo ser colocados em situações e adquirir significados que seu autor não inseriu neles. Segundo Pirandello, no drama está a razão de ser do personagem e da criação da arte. As angústias os fazem vivos.

O mesmo parece ocorrer com os personagens de *Na barra do Catimbó*, romance de Plínio Marcos, de 1984. Segundo o autor, há um ponto divisor que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912725/CA

marca o momento pelo qual os personagens tornam-se independentes, desenvolvendo suas próprias características.

Diante da fragilidade de ser humano, o personagem é a forma como que nos apresentamos à sociedade. É nossa *persona*, que não significa somente uma variante dentre as possíveis personalidades de um indivíduo. A *persona* é uma carapaça, uma máscara, uma armadura simbólica. "O importante a considerar é que a armadura da *persona* é sempre uma plástica argila, passível de desenhos até mesmo contraditórios. Manter-se sempre igual a si mesmo equivaleria a destruir a própria armadura." (COSTA LIMA, 1991, p.46)

Em sociedade, estamos desempenhando papéis, cumprindo funções sociais, nos comportando de acordo com a exigência dos fenômenos sociais. A *persona* se constrói no contato com o outro. É na referência com o outro que preenchemos nossa experiência. Há uma visão de si mesmo, uma visão do outro sobre nós e, ainda, nossa visão da visão que o outro tem de nós. Construímos nossa percepção e atuamos no mundo também pela suposição que fazemos de como o outro nos vê. São essas conjugações de informações, ou seria melhor dizer, experiências, que compõe nossa armadura e nos possibilita assumir o papel. Luiz Costa Lima expõe que o papel é uma maneira de atualizar a *persona*. Nesse sentido, o personagem se atualiza através dos papéis que desempenha socialmente.

Plínio Marcos será abordado nessa dissertação sempre como personagem, não no sentido de um ator interpretando uma ficção nos palcos, e até quando está fora deles, não encarnado como mentiroso ou fingido. A máscara é esconderijo, proteção, é instrumento de comunicação, não é falsidade. Plínio Marcos – personagem – é a forma como ele se apresenta ao mundo. E não é um, são três: marginal, místico e intelectual. A partir de dados de sua vida, de seu discurso e de suas ações, demonstro como se construíram esses personagens, como influenciaram seu trabalho, como as peças e textos do dramaturgo eram também reflexos de seus personagens.

O personagem marginal estava presente na maioria de suas peças, principalmente nas primeiras, escritas na década de 1960. Mais do que isso, o marginal era o próprio Plínio Marcos, em suas roupas rasgadas, sandálias de dedo, em seu discurso de rejeitado, analfabeto e duro. Apresentar-se como marginal

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912725/CA

nesse momento era uma estratégia, uma opção estética que, no caso específico de Plínio Marcos, perdurou até a década de 1990.

O vestir-se como marginal, somado a outras ações do dramaturgo, tais como vender seus livros na porta de teatros e em universidades, ser palhaço e camelô, além das formas alternativas que encontrou de encenar suas peças possibilitam tecer uma aproximação entre estas apresentações de rua/na rua e a arte da performance.

Ressalto que a proposta é traçar um paralelo entre esta manifestação artística e as apresentações de Plínio Marcos pelas ruas de São Paulo, pelos palcos de teatro, pelos chãos das igrejas, de escolas, de sedes de futebol. O artista não era um *performer*, e nem pretendia ser um vanguardista. Ainda assim, fez do corpo e no corpo, ao transvestir-se, uma continuação de seu discurso. Portanto, sem ignorar as divergências, é possível destacar analogias, como o improviso, a quebra da relação convencional entre ator e espectador, a arte como proposta de choque, de provocação, a aproximação entre vida e arte, a atuação não como representação, mas como apresentação.

O personagem místico se explica pelo interesse de Plínio Marcos por temas esotéricos e espirituais. O místico vestia-se de preto ou branco, curava dores, lia as cartas do tarô, organizava cursos para instruir a busca pela religiosidade.

As peças, situadas, sobretudo, na década de 1980, continuam a demonstrar inovações e quebras com algumas estruturas do teatro tradicional, mas ganham caráter religioso. Os especialistas em crítica teatral no Brasil, de modo geral, não pouparão o dramaturgo, aclamado pelos trabalhos anteriores, de suas opiniões desfavoráveis. Destoante deste cenário, o crítico Sábado Magaldi tenta, constantemente, encontrar algumas características passíveis de elogios.

É pensando sobre como deve se posicionar a crítica em relação à obra de arte, sobre a possibilidade, se há, de manter separadamente o juízo pessoal da elaboração crítica, que retomo um desentendimento ocorrido no início dos anos 1970 entre Sábato Magaldi e José Celso Martinez Corrêa. A relação complicada entre Plínio Marcos e José Celso e entre este e o crítico demonstram, claramente, a constituição de pares, mesmo quando se trata da crítica em relação ao objeto artístico, mesmo quando se trata de um crítico que pretende a imparcialidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912725/CA

O místico se intercalava ao marginal. Nas diversas entrevistas que concedeu, Plínio Marcos ora se vestia com camisetas rasgadas, barba irregular, sandália de dedo, ora com roupas pretas, barba aparada e uma grande cruz à mão.

As entrevistas, nesse caso, parecem reproduzir, em menor escala, a construção do personagem. O entrevistador, que, em um momento anterior a ela, reuniu informações sobre seu entrevistado, conduz o diálogo, não de forma plena, mas se desviando dos imprevistos apresentados. Os fatos serão contados pelo entrevistado, com a ajuda do entrevistador que oferece informações que o outro não disse, ou por recusa, ou por esquecimento, que exige reformulações, que direciona a conversa. É por meio desses mecanismos que o personagem é construído, partindo da infância ao presente, presumindo um futuro. Construído na sua narrativa e na interposição da visão e interpretação de outro.

O personagem intelectual completa o triângulo. Dramaturgo reconhecido, Plínio Marcos recebeu prêmios e tornou-se uma figura importante no cenário cultural, sendo convidado a escrever colunas de jornais, dar entrevistas e palestras, participar de debates. Construiu seu próprio personagem intelectual, que não era um especialista, mas um contador de histórias, que não concluiu o ensino formal, mas ensinava.

O discurso era consistente com seu papel de crítico da sociedade e porta-voz, como diria Plínio Marcos, e contraditório já que compartilhado por três personagens. O discurso não era apenas a voz, pois se estendia ao corpo. Era ação, e provocação.

A escolha por um caminho de personagens não pretende, ao final, encontrar o verdadeiro Plínio Marcos, o sujeito por trás das máscaras, oriundo da decomposição dos personagens. Afinal, Plínio Marcos é a conjunção do marginal, do místico e do intelectual. Não se trata de desconstrução nem de superposição. Os personagens convivem juntos. Apenas será dada relevância maior a um em relação aos outros, de acordo com as apresentações do dramaturgo. O caminho é labiríntico, pois perseguindo alguns personagens chegarei sempre a personagens. Mais um e mais um. Plínio Marcos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912725/CA